

## Resenha

Creaven, Sean. *The pandemic in Britain: COVID-19, British exceptionalism and neoliberalism*. London; New York: Taylor & Francis (Routledge), 2023.  
ISBN 9781032229850

# O gerenciamento neoliberal da pandemia da COVID-19: o caso clássico

Rodrigo Siqueira Rodriguez\*

No prefácio de *O capital*, Marx toma a Inglaterra como a localização clássica do modo de produção capitalista e suas correspondentes relações de produção e circulação. Naqueles tempos, a Inglaterra representava o que havia de mais complexo do capitalismo no mundo. Em *O imperialismo, etapa superior do capitalismo*, Lênin percebe como o Estado rentista da Inglaterra expressa, no começo do século XX, um caso clássico das tendências fundamentais do imperialismo. Lukács, em 1968, nos presenteia com uma definição sobre o papel do “caso clássico” no marxismo:

Portanto, se quisermos investigar, na própria realidade, o funcionamento mais puro possível de leis econômicas gerais, é preciso descobrir alguma etapa histórica de desenvolvimento, caracterizada pelo fato de circunstâncias particularmente favoráveis terem criado uma configuração dos complexos sociais e das suas relações na qual essas leis gerais puderam se explicitar ao máximo grau, não turvadas por componentes estranhos. [...] a classicidade de uma fase do desenvolvimento econômico é uma caracterização puramente histórica: os componentes entre si heterogêneos do edifício social e de seu desenvolvimento produzem casualmente essas ou outras circunstâncias e condições (Lukács, 2012, p.375-376).

Diante dessa caracterização, o caso clássico nos permite observar com mais clarezas as principais formas de manifestação das tendências do capitalismo. Em *The pandemic in Britain: COVID-19, British exceptionalism and neoliberalism* (2023), o sociólogo marxista Sean Creaven nos coloca diante das tendências neoliberais que se materializam perfeitamente na gestão britânica da pandemia. O país é o sexto do mundo com mais mortes em termos absolutos, atrás somente de Estados Unidos, Brasil, Índia, Rússia e México. Se consideramos as mortes para cada mil habitantes entre as grandes economias, o país fica em segundo lugar<sup>1</sup>, atrás somente dos Estados Unidos. Sendo uma das maiores economias do mundo e contando com um sistema público de saúde

---

\* Professor adjunto da Faculdade de Ciências Econômicas da UERJ (FCE/UERJ).

<sup>1</sup> Considerando países com mais de cinco milhões de habitantes.

famoso mundialmente, o *National Health Service* (NHS), fica difícil compreender, à primeira vista, a ordem das contradições que moveram o Reino Unido em direção a uma catástrofe humanitária durante a pandemia da COVID-19.

A natureza dessas contradições está, na obra do autor, ligada ao processo histórico de consolidação do neoliberalismo no Reino Unido, processo este que tem seu início ao fim dos anos 1970 e resultou em programas de austeridade, privatização e contrários às políticas de provimento de serviços públicos, incluindo a saúde e a assistência social, que vêm sofrendo com faltas de recursos nas últimas quatro décadas. Evidentemente, o Reino Unido não é a única gestão neoliberal durante a pandemia, pois há também uma hegemonia de Estados neoliberais no mundo, mas Creaven argumenta que nenhum desses Estados foi tão absorvido pelo neoliberalismo e pelos interesses do setor privado como o Reino Unido.

É por essas razões que o argumento de Creaven denomina o caso britânico de caso excepcional, singular, o que não deixa de ser um caso clássico, uma forma de manifestação cristalina do capitalismo contemporâneo. As principais características desse caso incluem a inação, evidenciada por *lockdowns* tardios, orientações de saúde pública inconsistentes e difusas, incluindo a relutância e o atraso proposital na adoção das medidas protetivas, como o distanciamento social e uso de máscara.

A particularidade do caso inglês na gestão da pandemia é, no argumento do autor, um fenômeno decorrente da força do neoliberalismo na política britânica. Essa influência se apresenta no predomínio das forças políticas que buscam a realização da lei do valor, colocando a sociedade inglesa (incluindo economia, Estado e ciência) sob pressão contínua para restaurar a lucratividade diante da ameaça de perder competitividade nos mercados globais, mesmo em um contexto de catástrofe humanitária.

Desse modo, Creaven explora os seguintes temas no livro: (1) a peculiaridade do caso britânico; (2) a natureza do neoliberalismo no Reino Unido e sua relação com o capitalismo britânico no contexto da pandemia; (3) o impacto da política neoliberal no NHS, nos serviços sociais e de bem-estar; (4) a mobilização política da ciência e dos especialistas como formas de legitimação das políticas do governo que comprometeram a saúde pública em defesa dos detentores das forças econômicas.

A gestão britânica da pandemia inclui *lockdowns* mal gerenciados; falta de rigor nas políticas sobre o distanciamento social e outras medidas de prevenção; informações de saúde pública inconsistentes e sem clareza que reduziam o compromisso público com as medidas adotadas; subnotificações de mortes e falha de organização estatal na testagem e monitoramento das pessoas infectadas. Também não houve aquisição em larga escala de equipamentos de proteção individual para o NHS e para a assistência social à medida que a pandemia avança.

Uma das estratégias neoliberais discutidas no livro é o argumento da “imunização de rebanho”, que visava sustentar a continuidade do processo de trabalho para a população ativa e minimizar o custo público do combate ao vírus somente aos grupos de risco e pacientes graves. A “imunização de rebanho” foi rechaçada pela comunidade científica e, embora o governo britânico tenha levantado a possibilidade de sua implementação, ela não foi levada adiante com o primeiro *lockdown*, em março de 2020. Vale ressaltar que esse argumento exerceu influência sobre o caso brasileiro, pois foi reproduzido por Bolsonaro durante o primeiro semestre de 2020, visando postergar a aquisição das vacinas.

Outra manifestação da influência neoliberal, conforme abordada no livro, ocorre quando os ingleses se deparam com a crônica escassez de ventiladores mecânicos no NHS, à medida que o número de casos se intensifica. A resposta britânica a essa crise foi uma espécie de “solução de livre mercado”, ao permitir que empresas sem nenhum conhecimento específico produzissem ventiladores, em vez de conferir ênfase à ampliação da produção de ventiladores nas empresas já estabelecidas na indústria médica. O resultado foi um imenso desperdício de dinheiro com ventiladores que não funcionavam.

A crise dos ventiladores é apenas mais uma das evidências das péssimas condições de trabalho dos trabalhadores do NHS que, além da ausência dos equipamentos de proteção individual e da convivência com os danos psicológicos da pandemia, sofreram retaliação de seus superiores para não publicizar a precarização do sistema de saúde.

Os trabalhadores do NHS, diante de uma situação precária e extremamente insalubre que poderia ter sido evitada com uma política de saúde adequada, sofrem com sucessivos cortes desde 2010. Há, ademais, uma crescente massa de trabalhadores temporários e mal remunerados. Creaven apresenta estatísticas que deixam evidente que o Reino Unido é um dos países com mais mortes de profissionais da saúde da linha de frente, em particular grupos étnicos minoritários. Além disso, mais da metade dos trabalhadores da linha de frente não tinham direito a auxílio-doença, colocando-os em uma situação de ter que trabalhar mesmo infectados, caso contrário não receberiam salários. Nesse contexto, o próprio governo neoliberal utiliza os trabalhadores da saúde como escudo humano para seus fracassos na política da saúde, intitulado-os como os guerreiros, heróis da nação ou, nas palavras do primeiro-ministro Boris Johnson, “o coração pulsante desse país”.

Ao mesmo tempo em que exaltava os trabalhadores da saúde pela superação, a estratégia de comunicação do governo para abafar a falta de equipamentos de proteção individual incluía culpar os trabalhadores do NHS pelo desperdício de equipamentos, o que não ocorria. Essa é uma das muitas estratégias de desinformação apresentadas pelo governo e descritas por Creaven. Outra dessas estratégias foi insistir que as crianças possuíam baixo risco de contágio e transmissão do vírus, mesmo não havendo evidência alguma disso. Além disso, o governo britânico apelou para campanhas com *slogans* como “Fique alerta, controle o vírus, salve vidas” que não deixam evidentes o compromisso que a população deve ter, uma vez que “ficar alerta” não é necessariamente “ficar em casa”, ou “controlar o vírus” não é necessariamente “combater o vírus”. Desse modo, o governo atuou para diluir a adesão do público ao *lockdown*.

O livro é de particular interesse para os cientistas brasileiros, pois boa parte do que se viveu no Reino Unido foi, infelizmente, semelhante ao que se observou no Brasil. Desde as estratégias de desinformação até a relutância em decretar as políticas de saúde pública, o governo Bolsonaro se amparou, quando lhe foi conveniente, nas medidas adotadas por Boris Johnson no Reino Unido. Creaven nos fornece, com a análise do “caso clássico” inglês, um caminho para a análise da reprodução do neoliberalismo no Brasil no contexto da pandemia.

## Referências

- CREAVEN, Sean. *The pandemic in Britain: COVID-19, British exceptionalism and neoliberalism*. London; New York: Taylor & Francis (Routledge), 2023.
- LÊNIN, Vladimir Ilitch. *O imperialismo, etapa superior do capitalismo*. Campinas: Unicamp, 2011.
- LUKÁCS, György. *Para uma ontologia do ser social*, volume I. São Paulo, Boitempo, 2012.
- MARX, Karl. *O capital: crítica da Economia Política, Livro I: o processo de produção do capital*. São Paulo, Boitempo, 2013.

Recebido em 27 de novembro de 2023

Aprovado em 15 de dezembro de 2023